

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Doclisboa: Paul Leduc
22 e 23 de Outubro de 2024

RELIGIÓN EN MÉXICO: CHIAPAS / 1968

Um filme do colectivo Cine 70

Realização, Argumento, Montagem: Cine 70 (Véronique Godard, Alexis Grivas, Paul Leduc, Bertha Navarro, Antonio Solórzano, Salvador Topete).

Cópia digital, preto e branco, falada em espanhol com legendagem electrónica em português / Duração: 22 minutos / Comercialmente inédito em Portugal.

LATINO BAR / 1991

Um filme de Paul Leduc

Realização: Paul Leduc / Argumento: Paul Leduc e José Joaquín Blanco, baseado num romance de Federico Gamboa / Direcção de Fotografia: Josep M. Civit / Direcção Artística: Haidee Pino / Som: Victor Luckert / Montagem: Marisa Aguinaga / Interpretação: Dolores Pedro (Santa), Roberto Sosa (jarameño), Ernesto Gómez Cruz (Hipólito), Juana Bacallao.

Produção: Ópalo Films – ICAIC – Universidade dos Andes / Produtor: J. A. Pérez Giner / Cópia digital, colorida / Duração: 100 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Os começos de Paul Leduc, integrado no colectivo Cine 70, e no ano (1968) em que a sua actividade de realizador teve início. **Religión en México: Chiapas** tem um título que parece apontar para um inquérito do foro antro-po-sociológico, e que começa mesmo como se fosse um inquérito (um entrevistado que permanece invisível, sem imagem no ecran escuro, partilha as suas ideias sobre a religião e sobre Deus, associados, a religião e Deus, a uma dimensão punitiva). Isto fica como marca que o espírito do espectador transporta para o resto do filme, onde as palavras e o inquérito dão lugar a algo de mais visual e mais táctil, uma montagem de belas e expressivas imagens captadas durante a Semana Santa numa povoação da região de Chiapas, uma das mais pobres do México e a que tem (ou tinha, em 1968) a mais elevada percentagem de mexicanos de origem nativa na sua população. É o fundo da reflexão, essencialmente muda, que o filme opera: constatar o impacto de uma cultura de origem exógena (como o cristianismo, trazido pelos colonizadores) na paisagem humana, cultural e geográfica do México, e o modo como essa paisagem se submete (também ou sobretudo politicamente) a uma ameaça de punição.

Latino Bar, que adapta um romance, publicado em 1903, do escritor mexicano Federico Gamboa, sem fazer nenhuma reconstituição de época e removendo-lhe todos os diálogos, é um dos filmes mais felizes de Paul Leduc. “Feliz”, na medida em que vem de um período, a viragem dos 1980s para os 1990s, em que o realizador se pôde dedicar a uma série de projectos de ficção que são hoje vistos como uma espécie de trilogia: **Barroco** (1989), **Latino Bar** (1991) e **Dollar Mambo** (1993). A ajuda estrangeira, como para outras ficções de Leduc (caso, por exemplo, da derradeira, **Cobrador**), foi crucial, e **Latino Bar**, rodado na Venezuela, cheio da languidez e da humidade tropicais da zona de Maracaibo, teve ainda financiamento cubano através do famoso ICAIC.

Não há diálogos, o que não significa que não haja nem relações nem interacções entre pessoas. Elas são o centro do filme, no ambiente de um bar ao pé do cais, quase sempre de noite. Só que elas, essas relações e interacções, em vez de serem faladas, são coreografadas, e sinalizadas por outras coisas que não as palavras (os olhares, por exemplo: não é um acaso que o filme dedique tanto empenho, tanto rigor, na captura do olhar e das expressões faciais das suas personagens). Há vários momentos em que as personagens dançam, e em que a banda de som é tomada pela música (às vezes um pouco abafada, como um eco, uma música que vem de outro sítio), mas desde o primeiro momento que Paul Leduc faz a sua câmara dançar. Os planos fixos do filme, que têm evidentemente o seu peso, contrastam com a abundância de planos em que a câmara está em movimento, velozes, bruscos, por vezes curtos, momentos em que a câmara avança com voracidade e sensualidade sobre o cenário, sobre porções do cenário, sobre objecto, sobre, claro, os actores e a matéria humana. É sobretudo por isto que o filme tem um ambiente de musical sem ser propriamente um musical: como nos musicais, há uma suspensão da realidade mimética, trocada por uma outra, e mais sofisticada, mais “erótica”, versão da realidade. Uma questão de sedução – como grande parte dos movimentos “narrativos” do filme o são, sempre questão de sedução – que seria errado confundir com uma convocatória para um universo de fantasia escapista: como uma metonímia, as relações de poder, dominação e subjugação, que tanto são uma preocupação da generalidade da obra de Leduc, estão no centro do filme, incluindo as suas mais trágicas consequências (a violência, a aniquilação). Certamente, e também para o espectador, **Latino Bar** é um dos momentos mais felizes da obra de Leduc.

Luís Miguel Oliveira